

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	285 0 réis
Semestre ou 26 numeros.....	150 00 "
Trimestre ou 13 ".....	75 00 "
Avulso.....	5 00 "

— ANNO I — 7 DE AGOSTO DE 1881 — N.º 25 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	75 000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	38 000 "
Trimestre ou 13 ".....	20 000 "
Avulso.....	2 000 "

SUMMARIO

GRAVURAS:—Um vau junto de Yedo; Um camponez flamengo; Fazendo meia; Porto Mauricio.
TEXTO:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; Rosieler, por Guerra Junqueiro; O domingo historico, por A. O.; O criado de Chateaubriand, por Augusto Villemot; Horas de ocio; Portugal velho; por Mephisto; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amero; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Está escrevendo agora para a *Folha Nova* do Porto umas deliciosas correspondencias um moço escriptor,

que, debaixo da mascara e do pseudonymo de *Iriel* esconde a sympathica physionomia e o nome elegante e bem timbrado de um dos mais brilhantes membros da nova geração. Já o conheceram os leitores do *Jor-*

nal do Domingo, parece-me que debaixo de um outro pseudonymo, porque o pseudonymo está sendo o *lie* e o *chie* dos escriptores contemporaneos. Conhecem Gilberto? Conhecem Maffio? Conhecem Asmo-



UM VAU JUNTO DE YEDO

deu? Conhecem Fantásio? Todos estes figurões cabem á vontade dentro da sobre-casaca de Gervasio Lobato, o que não admira, valha a verdade. Udec, Chari-Vari, são Urbano de Castro; Seraphino, Z. Segredo e Marianno Pina, são tres pessoas distintas e uma só verdadeira. Este é Rigoberto, aquelle é Polux, aquell'outro é Argus, Vampiro... o demonio! Nunca tive muito esse feitiço. Quando uma vez usei de um pseudonymo, foi em sociedade com Guilherme de Azevedo, *Mascara de seda*, por signal que essa colaboração deu uns resultados muito comicos. Os admiradores de Guilherme de Azevedo attribuiam-lhe muitos dos meus *cris-cris*; os que me faziam a honra de lêr com mais alguma predilecção os meus escriptos, attribuiam-me muitos dos d'elle. Ainda precisamos um dia de fazer a liquidação, para socego da posteridade.

Iriel, pois, escreve para a *Folha Nova* umas correspondencias verdadeiramente admiraveis, cheias de *verre*, de pontos de vista originaes, parisienses como o seu appellido verdadeiro, desenvoltas e audaciosas como as guias do seu bigode loiro. Numa d'essas correspondencias, analysando os *Contos*, de Fialho de Almeida, escrevia os seguintes periodos que levantaram um protesto no meu espirito:

«*Sempre amigos* — É uma primorosa photo-gravura da vida aldeã — sem as idealisações sentimentaes e dóces de Julio Diniz, mas com a rudeza, a impassibilidade cruel do observador indifferente.»

Corri a lêr o *Sempre amigos*. É um conto realmente admiravel, uma das boas paginas da nossa litteratura contemporanea. Mas porque o contrapõe Iriel ás admiraveis paginas de Julio Diniz? O que vem a ser isso de idealisações dóces e sentimentaes? É menos verdadeiro o grande poeta da *Morgadilha dos Cannaviaes* porque os seus personagens, estudados com um primor de observação verdadeiramente surpreendente, são todos ou quasi todos gente honrada? É idealizador Julio Diniz porque traça com uma verdade maravilhosa o quadro delicioso das duas velhas, ama e creada, que recebem Henrique de Sousa quando elle chega á aldeia, e é observador rude, mas sincero e verdadeiro, Fialho de Almeida, porque preferio descrever um assassino brutal? Não ha exclusivamente nas nossas aldeias casas de D. Dorothea, é certo, mas tambem a sua população não se compõe exclusivamente de assassinos. Se Julio Diniz procura de preferencia os interiores suaves, se Fialho de Almeida corre ás casas abjectas onde se representam os dramas terribes da miseria, do embrutecimento, está cada um d'elles no seu direito, mas não accusam de falso e de rhetorico o que vae procurar os bons para os descrever tambem. Pintem as *Nanas*, mas não me privem, a mim leitor, do direito de conhecer tambem algum specimen dos milhares de mães honestas, de virgens delicadas e affectuosas que deve haver em Paris. Que diabo! os naturalistas casam, como quaesquer outros cidadãos; esperamos em Deus que não vão procurar as suas esposas ao mesmo meio aonde vão buscar os seus assumptos.

«Este conto, diz ainda Iriel, é a nosso vêr uma das mais brilhantes victorias do naturalismo em Portugal.»

Alto lá, se faz favor! O conto é esplendido, e, se não fosse o preconceito naturalista, era uma obra prima. O naturalismo não faz senão estragar a admiravel concepção, e a excellente execução do conto. As scenas que precedem o crime, a saída de Joanna á procura do marido, a entrada do cadaver em casa, o principio do enterro, tudo isso está traçado verdadeiramente com mão de mestre; mas as ultimas paginas desmancham esse primoroso quadro. A mania da descrepção á *outrance*, da indifferença na observação,

vem impacientar-nos, sendo necessario que façamos um verdadeiro esforço para não saltarmos umas poucas de paginas. O enterro segue atravez dos campos, e n'esse prestito se concentra avidamente a attenção do leitor. Fialho de Almeida encontra uma nota verdadeirissima, o contraste das conversações da gente do prestito com a scena profundamente dolorosa em que são actores; mas, com o completo desconhecimento do claro-escuro que tem o naturalismo, Fialho de Almeida, em vez de indicar simplesmente essa nota fanebremente comica, que dava um relevo prodigioso á sua obra, julga do seu dever contrar-nos minuciosamente o que os camponios vão dizendo. Duas paginas se perdem n'esse enfadado dialogo, e o leitor que, para se compenetrar bem da impressão da scena, não deve esquecer-se de que lá adiante vae o caixão do pobre assassinado, perde-o completamente de vista, sente esfriar a sua commoção, e enfatia-se. Logo em seguida vem a scena das rãs. Um achado admiravel. O filho do assassino e o filho da victima, pequenitos ambos, a vêrem passar esse enterro que devia cavar entre elles um abyssmo, e que elles contemplam com a indifferença da infancia, que ignora a dôr moral, que ignora o crime, que tem da morte apenas uma vaga e confusa idéa — sobre-hissimo, não ha duvida nenhuma. O naturalismo porém está á espreita, e mette na cabeça de Fialho de Almeida, que n'esse momento o que o leitor sentia, era uma necessidade enorme de saber o que faziam as rãs n'essa occasião solemne, de ser informado de que «coaxavam á flôr d'agua, erguendo acima do nivel tranquillo as chatas cabeças verdes, olhos estourados de iris côr de ouro, a enorme boca semi-eliptica aberta ao ar n'uma especie de sorriso extatico, e a fila de pequeninos dentes corneos um pouco curvos, dispostos para a apprehensão dos animalculos.»

A maior prova que posso dar a Fialho de Almeida, da impressão profunda que o seu conto me produziu, foi a alentada praga que eu lhe roguei, quando esbarrei com estas amaldiçoadas paginas. Ora vá para o diabo o sr. Fialho de Almeida com o seu naturalismo, com o seu Zola, com as suas rãs, e com a sua erudição de *Diccionario Zoologico*. Não me importo para nada com os dentes das rãs, entende? Se estão dispostos para a apprehensão dos animalculos, seu proveito. Quando eu quizer saber isso, vou ao Bouillet; mas o que Bouillet me não diz é o que fizeram os pequenos quando passou o enterro, e isso é o que me interessa, o que me captiva, o que me prende. Mas quem foi o patife que lhe metteu na cabeça que me viesse massar com as rãs, quando eu estou a segurar com avido interesse a sua maravilhosa ficção? Pois o senhor não sabe que, quando chegar a peripécia importante, já não me encontra no estado de espirito em que preciso de estar para receber a impressão que me quer produzir?

Estes absurdos do naturalismo não se demonstram facilmente com os romances, porque nem eu posso provar a Iriel que tive vontade de saltar estas paginas infelizes, nem elle me pôde provar que as leu com enthusiasmo sincero e profundo. Mas no theatro é que se encontra a prova real. Esse é que é o motivo da pertinaz infelicidade dos chefes do naturalismo no theatro. Dizem então que o naturalismo ainda não encontrou a sua formula theatral, ou que o publico ainda não está educado. Ora meus amigos, a formula encontrou a Shakespeare ha trezentos annos, e os marujos do theatro do *Globo* sentiam-se tão profundamente impressionados pelo *Othello* como os spencerianos que enchem hoje a platêa do *Lyceum Theatre*, quando Irving representa as peças immortaes do tragico sublime.

Uma ultima observação ainda. Fialho de Almeida não conhece as crianças. As suas aspiram vagamente a ser verdadeiras, mas ficam na aspiração. A indifferença perante a morte, ou antes o espanto, o choro por imitação, e depois a despreocupação infantil a dominar quaesquer outros sentimentos rudimentares, são verdadeiros, mas a reflexão profunda de que fica livre com a morte do pae, dos ralhos e das pancadas, é de uma precocidade, que está exigindo a remessa immediata do rapazote para a casa da correcção.

As crianças são puramente convencionaes. O Ricardo, que parece por tudo que diz e faz, estar ainda na idade da inconsciência, mette-se na conversa do pae e da mãe para responder a esta phrase:

— Muito me havia de rir se ainda vinha a ser a senhora lavradora.

Com esta:

— E eu cá hei de ter uns sapatos e andar a cavallo.

Quem já comprehende tão bem as coisas da vida pratica, quem já liga com tanta logica a idéa dos sapatos á de mais elevada posição social, já devia ter tambem a respeito da morte idéas menos confusas.

Ora tudo isto não impede que os *Contos* do sr. Fialho de Almeida sejam um excellente livro, que o *Sempre amigos* seja a perola d'esse joalheiro, e que Iriel esteja sendo tambem a perola dos nossos folhetinistas e o diamante «Regente» dos nossos correspondentes.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM VAU JUNTO DE YEDDO. — Abi tem um exemplo das singulares condições da civilização japoneza. Enquanto os caminhos de ferro sulcam uma certa porção do paiz, enquanto o governo compra cou-raçados, e chama juriconsultos francezes para lhe fazerem um código á europeia, e arranja emfim de todas as fórmias uma civilização exterior brilhante, no fundo conserva-se a antiga barbaria, e do Japão mais do que da Russia se pôde dizer que é «o imperio das fachadas.»

Ha troços de caminho de ferro onde passam as locomotivas com grande assombro do povo japonez, mas faltam estradas ordinarias, ha couraçados e vapores nos portos do imperio, mas faltam pontes nos rios, ha leis europeas, mas não se cumprem, ha codigos europeus mas não se entendem, ha emfim todos os requintes da civilização moderna, mas, quando se quer atravessar um vau, empregam-se os meios primitivos que na gravura se indicam, e n'um imperio que se quer pôr a par dos povos europeus, seto creaturas humanas, transformadas em peixes, puxam uma especie de barco, onde se recosta desdenhosa, á sombra de um guarda-sol que uma criada empunha, uma dama japoneza rodeada da sua pequena comitiva feminina.

O meio mais simples de atravessar os vaus é ainda o de cavalgar nos hombros de um d'esses nadadores, com manifesto perigo de ir chafurdar na agua, se faltar o pé ao carregador. Em compensação o banho custa-lhe barato.

Ora note-se que o vau é ao pé de Yeddo, que está por conseguinte n'essas condições a dois passos da capital, e imagine-se como estarão nos invios recessos do imperio os rios e as estradas.

UM CAMPONEZ FLAMENGO. — Tirem o chapéu. Esse homem, que ahi vêem, de boa e honesta physionomia, com os seus cotovellos rotos e as suas calças desfiadas, é o representante da mais antiga demo-

cracia da Europa, e da democracia que tem a sua base verdadeira e forte no trabalho e na independência que elle assegura,

É um camponês flamengo, pertence a essa forte raça de lavradores, que na idade média, quando por toda a parte dominavam a força, a rapina e a aristocracia feudal em que ellas se symbolisavam, soube fazer dos seus campos, com o seu trabalho, o celeiro da Europa, soube criar á beira dos seus rios as fabricas potentes, e chamar com a sua actividade commercial todo o ouro da Europa ás suas livres cidades. Por isso as communas flamengas, ricas e fortes, souberam sempre manter em respeito os seus suzeranos, por isso, apesar de não terem a forma republicana de Veneza ou de Florença, de Genova ou de Pisa, foram mais livres do que ellas, porque o amor do trabalho lhes dava a consciencia da sua força, porque a sua actividade irrequieta lhes dava a paixão da liberdade. Na boa, honesta, mas franca e resoluta physionomia do camponês que a nossa gravura representa, se lê a expressão das grandes qualidades que sempre fizeram livre e prospero o povo flamengo, ou quando reconhecia o dominio dos duques de Borgonha, ou quando, como hoje, vive debaixo do sceptro constitucional dos soberanos da Belgica.

FAZENDO MEIA. — O quadro é de Israel e a rapariga é da Hollanda, filha de pescador, dit-o a rede pendurada á porta; entrega-se a esse trabalho que foi ainda predilecto de nossas mães, que está sendo hoje quasi completamente abandonado. Pois é pena porque era gracioso, occupava os dedos sem absorver o pensamento, á noite obrigava a cabeça a inclinar-se um pouco, e a luz da lampada arrancava reflexos dourados ás tranças loiras, ou castanho-claras, que molduravam uma fronte gentil.

Depois servia de tanto! quando uma palavra fazia subir o rubor ás faces incendiadas da *tricotouse*, uma malha caída dava logo ensejo de esconder a subta vermelhidão na affectada attenção dada ao trabalho. E os dedos corriam ágeis no movimento incessante das agulhas, e os olhos percorriam o horizonte, e o pensamento percorria o espaço, tudo ao mesmo tempo. Que delirioso trabalho aquell! Foi pena perder-se a moda. Não foi, hollandezia gentil, que pensas de certo agora no moço pescador que está sulcando as aguas do Zuyderzée!

PORTO MAURICIO. — É um sitio delicioso nas margens do golpho de Genova, na encantadora bahia em que se recurva graciosamente a costa italiana, e em cujas margens ridentes se aninhavam deliciosas povoações. Porto Mauricio é uma d'essas terras benditas, banhadas pelo sol da Italia, povoadas de lindos edificios, em que parece brilhar um reflexo dos esplendores architectonicos da cidade dos palacios. Porto Mauricio comtudo não é uma cidade rica, a não ser de deliciosos pontos de vista, e isso não basta para opulentar os seus oito mil habitantes. É industriosa porém, e nos seus arredores cultivam-se vinhas magnificas, que dão um vinho afamado. Ali prosperam os verdejantes e insalubres arrozacs, alli purpureia o sol duleissimas laranjas, e a industria das frutas seccas e das massas occupa tambem a actividade dos seus habitantes. Porto Mauricio fica a pequena distancia de Nice, e não foi incluída por um pouco nos territorios cedidos á França. Luerou até com isso, porque em 1860 dos restos do Territorio de Nice, com que a Italia ficou, se fez uma provincia nova a que se deu o nome da capital-Porto Mauricio. Essa provincia comprehende tres arredondamentos; Porto Mauricio, San-Remo, Oreglia.

ROSICLER

O Amor

Mas quando o amor se torna em paixão verdadeira, Puro como uma hostia erguida sobre o altar, Quando o amor domina uma existencia inteira Como a lua domina os vagalhões do mar; Quando é o amor radiante, esplendido que arvora Em nossos corações um pavilhão de aurora, Desdobrado no azul; quando é o amor profundo, Um amor que nos veste uma rija armadura Para se atravessar a batalha do mundo, Como um leão atravessa uma floresta escura; Então adoro o amor, de joelhos, como adora No topo da montanha um indio o sol doirado, Porque um amor ardente é uma hostia d'aurora, E o peito, que o encerra, um sacrario estrellado.

G. ERRA JUNQUEIRO.

O DOMINGO HISTÓRICO

7 de agosto de 1628 — lança-se a primeira pedra no convento do Bussaco

Querendo a provincia dos carmelitas descalços do nosso paiz edificar uma casa em que os religiosos podessem observar alternadamente a vida em communidade e a vida eremica, ruidou de achar um sitio apropriado a esse fim e deixando de parte a serra de Miranda do Corvo e uma grande matta, no lugar do Pereiro, que lhe foram offerecidas, fixou a sua escolha na serra de Cintra embora o local tivesse o grave inconveniente de ficar perto da corte.

Quando se tratava já da fundação do convento, indo o reitor do collegio de Coimbra visitar o bispo d'essa cidade D. João Manuel, e fallando-se do projecto que havia, disse o prelado que tinha na serra do Luso uma matta e terras, a que chamavam Bussaco, e que se ellas agradassem ao padre provincial, de bom grado as cederia á Religião pelo gosto de ter na sua diocese um convento tão unico e observante.

Colheram-se as necessarias informações, foi o padre provincial e depois o padre geral visitar a serra, e achando todos que nenhum outro sitio poderia ser mais adequado ao seu intuito, agradeceram ao bispo-conde e este cuidou logo em reduzir a doação do Bussaco a publica forma. Para alhear a propriedade foi necessario incorporar nos bens da mitra alguma outra de valor equivalente e procedendo-se á lousação do Bussaco, foi esse vasto terreno avaliado na diminuta quantia de cento e oitenta mil réis, por ser infructifero e de pouco rendimento.

Vencidas ainda algumas difficuldades e contradicções que appareceram, tratou-se de dar começo á obra, sendo escolhido fr. Thomaz de Cyrillo, primeiro vigario, fr. João Baptista e Alberto da Virgem, architecto. Partiram estes religiosos de Aveiro a 29 de julho de 1628, levando consigo apenas um cobertor cada um para a cama, uma canastra de serdinhas para a mesa e dez cruzados para o principio dos trabalhos. Hospedaram-se em Luso juntaram-se-lhe então mais tres companheiros e a 7 de agosto lançaram a primeira pedra do edificio.

Proseguindo incansaveis na obra, já a 28 de fevereiro do anno immediato poderam adorar o Sacramento na casa da livraria, de que fizeram egreja provisoria, e havendo-se juntado mais alguns religiosos, sendo ao todo doze, deu-se começo á regularidade eremitica no dia 19 de março de 1630.

D'essa época em diante os arvoredos, que já povoavam a serra, foram acrescentadas pela curiosidade dos frades e pela sollicitude do prelado, que seguindo o antigo costume mandava todos os annos semeiar e plantar um certo numero de cedros, que hoje

tanta admiração causam ao visitante do Bussaco pela sua corpulencia e belleza.

Ajudados por benfeitores piedosos obtiveram os frades os meios necessarios para levar a cabo outras obras de importancia e assim se levantou o muro da matta, com perto de quatro kilometros de circuito, se abriram extensas ruas, edificaram devotas ermidas e capellinhas e se construíram vistosas fontes, o que tudo fez d'aquelle logar um dos mais apraziveis da nossa terra.

A. O.

O CRIADO DE CHATEAUBRIAND

Chateaubriand tinha um criado chamado ou appellidado Toby. Era um rapaz bastante instruido para se interessar pela gloria de seu amo, e tanto se interessava por ella que, sempre em extasis diante do auctor da *Atala*, esquecia-se completamente de engraxar as botas de sr. visconde.

Quando este lhe lançava em rosto a sua negligencia, Toby respondia:

— O sr. visconde conhece perfeitamente o meu temperamento; acabo de ler *René* e a sua leitura teve a propriedade de me embrutecer por tres dias debaixo do ponto de vista dos meus deveres domesticos. Não é impunemente que clevo a minha alma ás regiões onde paira o genio do sr. visconde; vistos d'essa altura, um sobrado para esfregar, um par de botas para engraxar, parecem coisas bem despreziveis!

Um dia apresentou-se um velho marinheiro napolitano para visitar Chateaubriand. Era um homem de tez bronzada, de cabellos brancos levantados na testa, e usando grandes brincos de ouro. Toby correu ao gabinete de seu amo:

— Ah! senhor! exclamou elle muito agitado, que extraordinario acontecimento! Um Natchez que o vem ver!

Quando Chateaubriand se fartou da admiração dos seus contemporaneos, a que aliás não era indifferente, deixou de achar encanto no fanatismo de Toby. Aproveitou-se de uma viagem, deu-lhe uns cincoenta luizes, e mandou-o embora.

Toby foi muito amargo na scena da separação.

— O sr. visconde manda-me embora! Nem Byron, nem Walter Scott, seriam capazes de despedir um criado tão afficcionado aos livros de seu amo! Bem dizia Luiz XVI: «Os francezes são uns ingratos!» Se eu vivesse no tempo de Homero, seria o seu fiel companheiro, e o seu bordão até, se necessario fosse... Ah! quem me dera ter sido uma das filhas de Milton! Vontade tinha eu de me ir offerecer ao sr. Goethe, mas é necessario saber cosinhar alguma coisa, e saber muito allemão. Ossian creio que já morreu. Aqui fico exposto ás tentações da fome que me obrigará talvez a servir algum author do circo Franconi.

Exhaustos as suas lamentações, e exhaustos tambem os seus cincoenta luizes, Toby entrou n'uma perfumaria. No primeiro dia poz rotulos em boiões de pomada, no segundo dia poz rotulos maiores em boiões mais magestosos do que os da vespera; no terceiro dia poz a cabeça entre as mãos, e caiu n'um profundo seismar. O perfumista perguntou-lhe: Que está você ahí a fazer? E Toby respondia: «Estou a reflectir». No dia seguinte, o perfumista, encontrando Toby na mesma attitud, sacudiu-o violentamente. «Ora toça cá você! Eu tomei-o para todo o serviço, e você não faz nada. Não foram essas as nossas convenções. Venha servir á meza!»

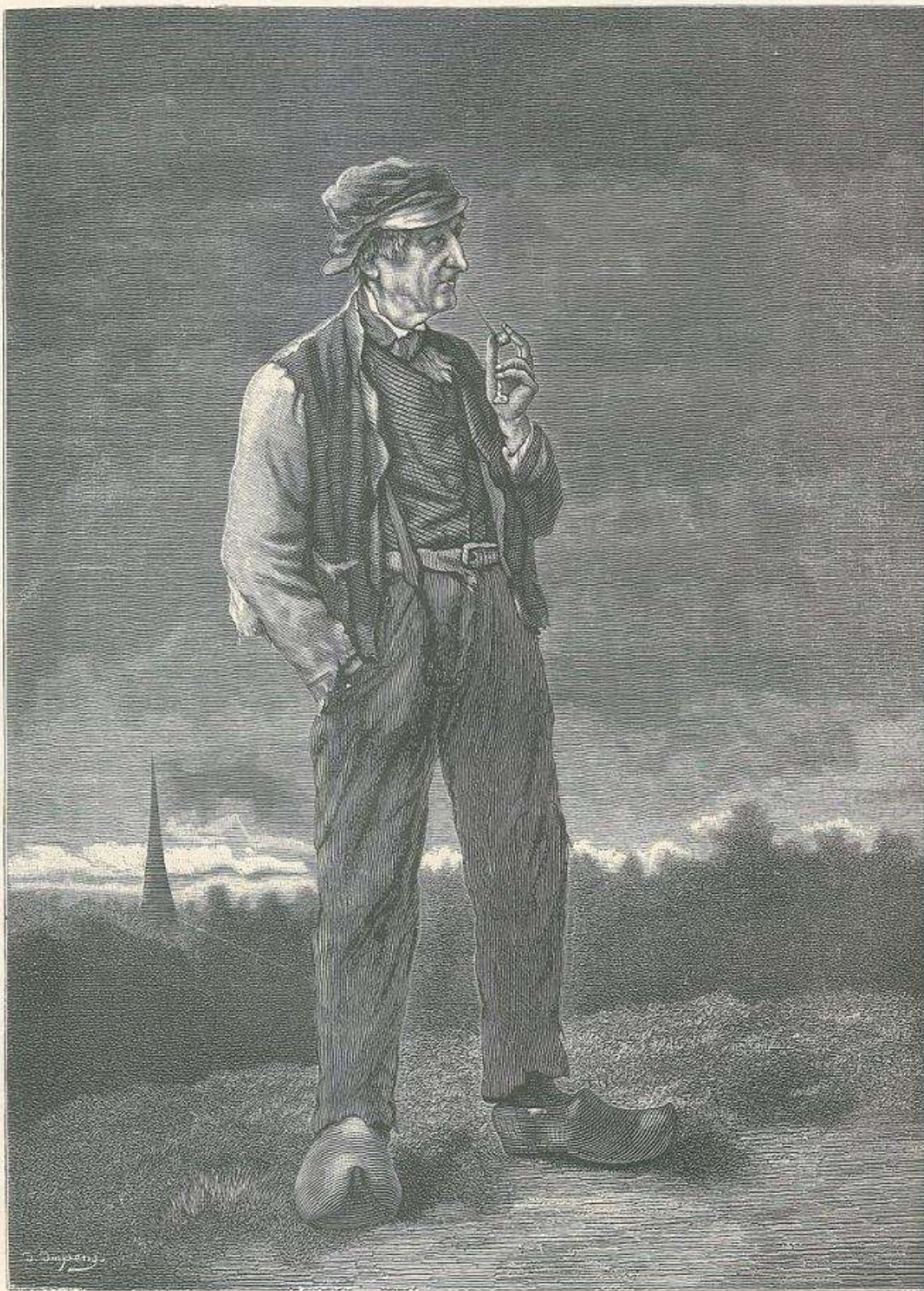
Toby deixou-se deslocar machinalmente como uma

coisa inerte. A cosinheira metteu-lhe nas mãos uma ruma de pratos e poz-lhe um guardanapo no braço esquerdo; mas ainda o perfumista e a sua familia não tinham absorvido a primeira colher de sopa, quando um barulho formidavel, semelhante ao que

acontecimento, Toby fez, nos seguintes termos, a sua profissão de fê ao perfumista:

«Senhor, eu estou em sua casa ha tres vezes vinte e quatro horas; não fiz nada, mas tambem não comi nada; estamos quites. Depois de se ter sido criado

Toby não entrou ao serviço do joven Lamartine (tudo isto passa-se em 1828); mas as suas relações litterarias recommendaram-n'o á benevolencia do livreiro Ladvocat, que me contou esta historia. Ladvocat affeição-se a Toby. Ahi outras aventuras; Toby



UM CAMPONEZ FLAMENGO

produziria o desmoronamento da muralha da China, lhes fez tremer a mão: era a ruma de pratos que acabára muito naturalmente de cair das mãos de Toby, no momento em que Toby levantára as mãos ao céu, para exclamar: «Que decadencia!»

Aproveitando-se do assombro produzido por este

de confiança do sr. visconde de Chateaubriand não se pôde uma pessoa resignar a servir um mercador de sabão. Já cá tenho a minha idéa; li hontem as poesias de um moço que se chama Lamartine, vou-lhe offerecer os meus serviços. Tenho a honra de o cumprimentar.

recebeu umas botas de canhão, uns calções de anta, uma sobrecasaca preta com agulhetas e um chapéu agalado de ouro com umas rosetas mais largas que a lua. Toby devia subir á trazeira do cabriolet do elegante livreiro da Restauração, mas sempre se exonerou d'essas funcções debaixo do pretexto de

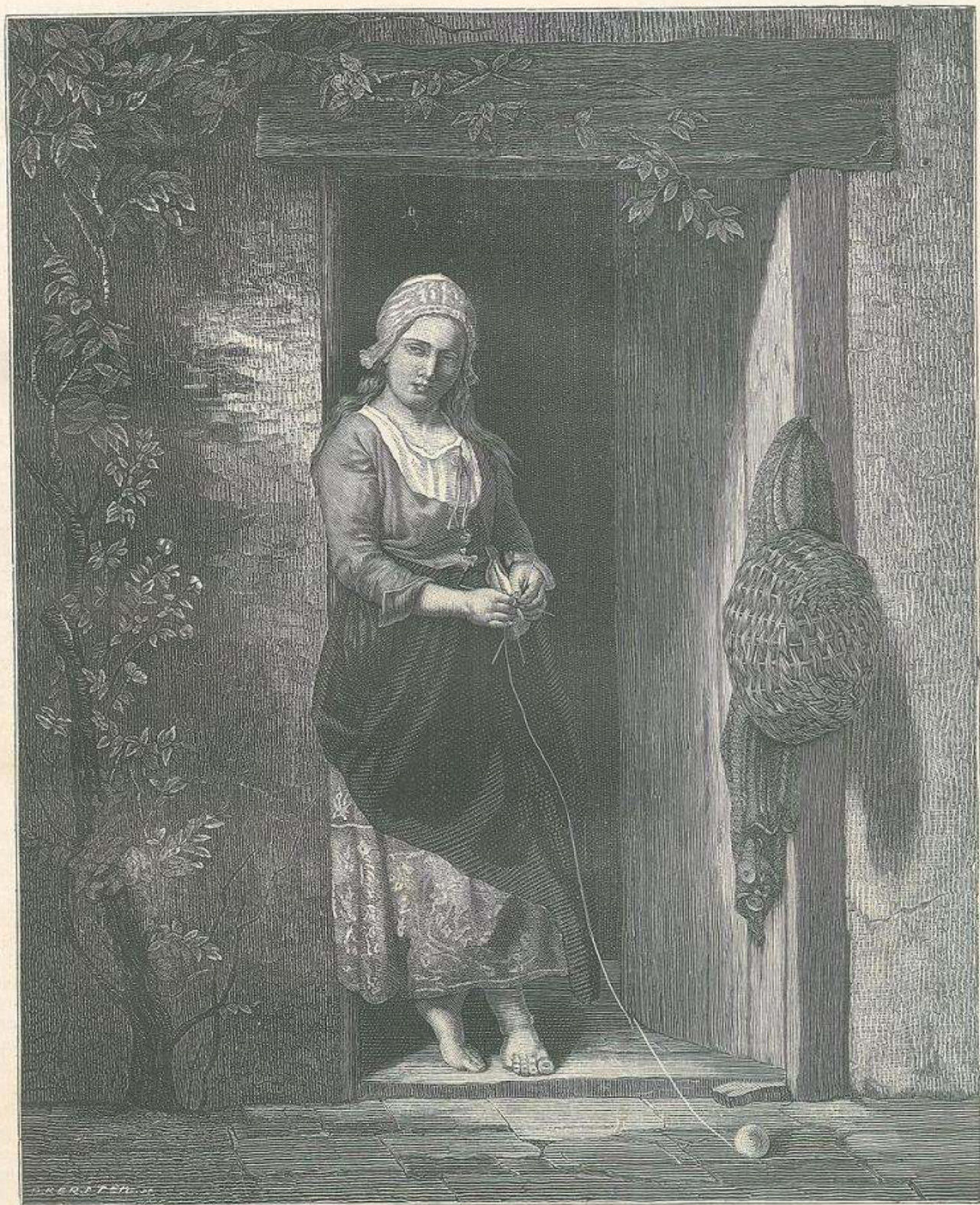
limpar o fundo a aposentos que não limpava nunca. A verdade era que Toby descobrira em casa do seu novo patrão uma verdadeira California—os manuscritos que o seu amo devia editar. Leu d'essa fôrma Cousin, Villemain, Guizot, Barante, antes da Fran-

ptos, classifical-os, pôr-lhes rotulos, e pesar a seu modo as glorias contemporaneas nas balanças da sua imparcialidade.

Infelizmente Ladvocat fez uma viagem a Inglaterra. Á volta encontrou a casa sepultada em teias de

—O cavallo! disse Toby passando a mão pela festa. É impossível, pois se nem esteve doente!

—Mas, animal, se te fecharem a ti um mez n'uma cavallariça, sem comer nem beber, imaginas que saes de lá de saúde perfeita?



FAZENDO MEIA

ga, antes da Europa. Quando lhe caia nas mãos Chateaubriand, Toby dizia: «É ingrato, mas tem talento!» Ladvocat era bastante fantasista para ter o luxo de ter um criado que não fizesse nada. Divertia-se e divertia os outros com as tendencias litterarias do seu criado. Deixava-o manusear os seus manuseri-

aranha, como uma velha garrafa de Kirschwasseeer, os ratos estabelecidos nos seus moveis, o seu cavallo morto na cavallariça, e Toby immerso na leitura.

—Miseravel, disse elle ao criado, tudo te perdoava! mas deixares-me morrer o cavallo.

Toby distingue se dos seus semelhantes por muito boa fé e muita sinceridade. Não era da moda d'esses criados que querem sempre persuadir aos patrões que o vidro partido na vespera estava partido ha cinco annos. Nem sequer tentou demonstrar que o cavallo morrera antes da Revolução.

Enquanto ao beber e ao comer, devo dar as mãos à palmatoria. Esqueceu-me completamente.

— Mas que fizeste na minha ausência?

— Li o manuscrito das *Memorias da contemporanea*. Isso é que vale dar um dinheirão ao senhor. Segundo parece, todas as glorias militares da França por lá passaram. É boa!

Toby d'esta vez excedera os limites da tolerancia do seu patrão. Foi despedido, e quiz ver se ia para casa do visconde d'Arincourt. D'ahi por diante perdi-lhe o rasto. Ora agora Lavocat sempre me disse que elle morrera sendo compositor de uma imprensa.

AUGUSTO VILLEMOT.

HORAS DE OCIO

Soluções dos problemas do n.º 23

Palavras quadradas: (S A L T O
A R A R A
L A V E S
T R E M I
O A S I S)

Pergunta indiscreta.—É o Are (porque vó). *

Lexicologia.—Roma me tem: mor.

Fantasia arithmetica.—Um tinha 20 annos, o outro 15.

Palavras em estrella:

P
E
N
H
A
C
A
M
I
N
H
A
C
O
N
V
C
O
H
O
E

Soluções certas

Palavras quadradas.—Gandarez (Cantanhede), Henrique de Oliveira Neves (Villa de Rei), A. Portuckalensis (Lisboa), D. Nicomedes, Sebastião Correia dos Santos (Alemquer), G. M., Manuel Antonio Coelho Zilhão, Antonio G. de Oliveira Santos, Um aldeão S. João do Campo), os *Pierrots*, Um Fura-vidas, Pedro Herculano, alumno da Escola Academica Edipo, (Lisboa).

Lexicologia.—Henrique de Oliveira Neves, D. Nicomedes, Sebastião Correia dos Santos, Os *Pierrots*, Edipo.

Fantasia arithmetica.—Gandarez, Henrique de Oliveira Neves, A. Portuckalensis, D. Nicomedes, Alexandre de Oliveira (Lisboa), Griedhard, G. M., os *Pierrots*, Edipo.

Perguntas indiscretas.—D. Nicomedes, Sebastião Correia dos Santos, Um Fura-vidas.

Palavras em estrella.—Gandarez, A. Portuckalensis,

si, Pedro Herculano, Manuel Antonio Coelho Zilhão o Sebastião Correia dos Santos, M. Griedhard, os *Pierrots*.

PORTUGAL VELHO

Recebemos a seguinte curiosissima carta:

Sr.

Folheando casualmente uma comedia de Calderon deparou-se-me este gracioso achado, que me apresso a comunicar a v. para o seu sympathico *Jornal do Domingo*.

Eramos os portuguezes, os escravizados portuguezes de ha dous seculos, a progenie gloriosa dos herões do Salado e de Aljubarrota, eramos... o que? o que imagina v. que eramos, o que eu, auxiliando-me dos modernos processos historico-positivistas, que tem feito, no nosso illitterario mundinho portuguez, a gloria e a fortuna do sr. Theophilo Braga, o que eu, repito, descobri que eramos na Madrid opulenta e gulosa do seculo desessete? Eramos os Suisos, como quem diz os confeiteiros mais celebrados e concorridos, o sr. Ferrari e o sr. Baltresqui, dos nossos odiados oppressores. Deixáramos ir por mão a nossa India, e o nosso Brazil, e as nossas glorias, e o nosso nome, e a nossa independencia, mas dominavamos o paladar de nossos seculares inimigos. Perdíamos as feras batalhas onde se trocam, em aspera convivencia, as balas e as estocadas, mas ganhavamos as em que, em dulcificante arremetida, se dentam empadas e pasteis. Deslocáramos somente a nossa grandeza dos campos de batalha para as mesas das pastelarias. Não deixavamos de ser heroicos, não nos esqueceramos de ser sublimes. Transmudáramos apenas o thema da nossa heroicidade: eramos summos no molho, inacreditaveis no folhado. Em quanto os agentes e emissarios, os conselhos e vice-reis dos tropeços mas inquisitoriaes Filippes, nos sugavam as escancaras, com engenho sempre attento, sagaz, creador, o melhor, o mais succulento, o mais medullar da nossa substancia, nós, surraticamente, a velhaca, empregando os disfarçados processos da cocada e da compota, preparavamos a futura independencia da patria arruinando pelo meio, pelo mais intimo, pelo mais são, os nossos lambarceiros dominadores; e sobre seus estomagos patrioticamente derrancados, assentavamos os seguros alieceres do restaurado throno brigantino.

Antevê bem, meu caro Chagas... (meu caro Chagas, sim; já que tive a ingenuidade de escrever essas tredas palavras, não as riscarei agora: o ambicioso pseudonymo em que me enbucô, occultalhe a mão e o orgulho patriotico de amigo velho e dedicado). Antevê bem, meu caro Chagas, como toda a nossa e tão injustamente desacreditada historia n'um periodo nefasto se illumina de imprevisito e subitaneo lume, observada atravez do meu achado? Antevê, sim.

Que de volumes não tirára, não vale tirar d'aqui a veia fecunda (*par trop*) fecunda do professor citado! Abra de lá o guarda-chuva. O meu já está aberto ha muito...

Mas, perdão, senhor. Advirto agora que no auge da minha justificada alegria de achador afortunado, esqueci, omitti o que menos era para esquecer-se e omittir-se n'esta carta: os versos do poeta que escondem o meu historico-critico diamante. Ellesahi vão. Pertencem á fresca, á perfumadissima comedia *Mananas de Abril y Mayo*. Arceo, creado, traz perante não me lembra agora que selecta companhia de damas e cavalheiros «una fuente de dulces», como

quem diz um bandeirão de lambarices, e exclama na sua qualidade de gracioso impertinente:

Vive Diez!

Que queda saqueada toda la tienda del portugués!

Ora que nós afogavamos em goloseimas as saudades da nossa perdida independencia, denuncia-nol-o a seguinte estatistica que é dos primeiros dias do seculo desessete e que reputo official: havia em Lisboa «confeiteiros, 34; moços que vendem doces pelas portas, 15; biscoiteiros, 12; mulheres que fazem doces para vender assim em suas casas como pelas ruas, fora da confeitaria, 60; pastelleiros, 40». Depois d'isto pasme alguém de Alcaccer-Quibir.

O mais que v. a poder de ruim vontade, que lhe não supponho, logrará allegar contra a minha indução, é que no texto que cito se não contém o que presumo. Perdão. Valem ou não valem os chamados processos positivos? Com menos seguros fundamentos, e pela adopção dos mesmos seguros processos fez o ainda uma vez citado p. oessor do curso superior de letras de Antonio Ferreira o amante encartado da mulher d'um amigo intimo, lançando assim sobre a memoria honrada do poeta quanta lama cabia em suas doudas mãos e de Pedro d'Andrade Caminha o emulo odiento, abjecto e talvez até ladrão do autor dos *Lusiadas*. Ora a minha ingenua conjectura não só não affronta nenhum morto, mas até desvanece e com razão um vivo: ao percorrer indolentemente estas obscuras linhas o sr. Rosa Araujo, o digno presidente do municipio de Lisboa, e futuro candidato pelo circulo 96 (deixe passar a reclame eleitoral) hade sentir entumecida a fibra do seu orgulho ao pensar que é elle, elle só, que mantem agora imperterritito, hasteado em suas mãos d'edil, o glorioso halsão da pastelaria portugueza, que foi no seculo 17 a precursora e principal fautora da independencia patria. E com elle todos os seus munições. Pelo menos, senhor, o obscuro mas fiel

MEPHISTO.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 191)

—Em vista do exposto, replicou Yegor, devemos conservar-nos o mais perto possivel da floresta—is to é, do logar onde existiu a floresta. É capaz de explicar aquelle horroroso sinistro, sr. Yermac?

—Sou, disse elle... e acrescentou com um tom naturalissimo: Fui eu que dei fogo á floresta...

—O sr. Yermac! exclamaram todos ao mesmo tempo.

—Sim, para os desalojar; eu não podia estar indefinidamente á espera de que sahissem quando lhes parecesse.

—Oh! desgraçado, tornou Yegor, por um triz que não nos faz morrer assados!

—Eu bem sabia que os expunha a essa eventualidade.

—E não recuou deante de tamanho horror? perguntou Nadege.

—Pois, sr. Yermac, estamos perfeitamente quites! E já vejo que o estavamos antes do urso. Mas... aqui para nós... aquelle rochedo... nos desfiladeiros... foi uma partida inoffensiva, comparada com os meios, que o sr. Yermac emprega, quando quer tambem fazer as suas partidas!

— E a aggressão nos «tundras»? disse Yermac olhando para Yegor.

— Já lhe disse que estamos quites, replicou o parisiense. É verdade que o meu amigo esteve duas vezes em maus lençóis... mas era um só. E nós! nós eramos quatro em risco de morrer como quaisquer feras. Ora veja bem! faça bem as contas! Tirando-o d'aquella dispensa, em que o urso costumava guardar os seus petiscos, ainda ficámos seus credores, e credores de boa quantia.

— É um calculo excessivamente rigoroso, para um sabio!

— É que sou tambem um pouco negociante, e sei o meu bocado de escripturação mercantil. Fechada a sua conta corrente, ha o debito de uma resurreição maravilhosa.

— E os seus soccorros medicos?

— Estão lançados nas perdas e ganhos.

— O sr. Lafleur, quando fallava, batia nas ilhar-gas, como fazem os cocheiros de Paris. Mas nem por isso deixava de ter prompta a replica.

— Esse dia foi assinalado por uma descoberta feita por Ladislau depois do almoço, — um almoço que rivalisava em frugalidade com a ceia da vespera.

Com o auxilio de alguns pequenos ramos, o rapaz tinha varrido toda a neve, que circumdava a tenda de Nadege. Sentou-se no chão, e como via que o sr. Lafleur apanhava todas as pedras, e examinava as para vêr se as achava dignas de figurarem na nova collecção, que principiara, imitou o costume do sabichão do mestre de dança.

Attrahia-lhe a curiosidade um grande numero de pequenas pedras arredondadas, de um verde amarelado, que appareciam á flôr do solo. Arrancou-as, e depois de mostrar a Nadege as suas formosas estrias, acocorou-se e principiou a atirar-as ao chão, apanhando-as n'uma das mãos com rara habilidade.

O sr. Lafleur, que appareceu de repente, ficou espantado com a côr e forma das pedras, e começou a murmurar algumas palavras resumindo o resultado da sua observação:

— Prysma cylindroides... estrias longitudinaes... Isto é um achado! exclamou elle contentissimo. São esmeraldas verdes de extraordinaria grandezza e de enorme preço.

— Está bem certo, sr. Lafleur? perguntou Nadege que — a mulher nunca perde os seus direitos — ante-via a perspectiva de soberbos adereces... para os dias futuros, dias de felicidade e de festas.

— Affirmo-lhe, minha senhora, que são magnificas esmeraldas, como talvez não haja iguaes em nenhuma côrte da Europa.

O chefe de policia ouviu estas palavras e aproximou-se, seguido de Yegor.

— Veja disse-lhe Ladislau; o sr. Lafleur assegura que são esmeraldas.

— Eu bem queria acreditar, respondeu Yermac depois de um curto exame; porém...

— A sua duvida... offusca-me! exclamou, rindo, o sr. Lafleur. Olhe, veja bem esta, que está partida; a fractura é vitrea e aspera, como é proprio das esmeraldas.

— Então ganhei hoje bem o dia? perguntou o pequeno satisfeittissimo.

— Meu amiguinho, disse-lhe o chefe de policia, talvez não saiba que todas as pedras preciosas descobertas na Siberia pertencem ao czar? Estas devem ser-lhe remetidas, sem se lhes tirar nada.

— O senhor Yermac está zombando, exclamou Yegor. Sempre o czar!

— É a lei!

— Visto isso, devemos nós mesmos retroceder e

ir depôr aos pés do czar estes brinquedos, de que está cheio o seu thesouro.

— Querem rir! Pois eu me encarregarei de entregar-lh'os — sem que d'ahi venha para os meus amigos o menor damno...

— O sr. Yermac é que quer rir... e á nossa custa, replicou Yegor.

— Bem; não tenho remedio senão fazer vista grossa a mais esta illegalidade, e limito-me a formar o processo verbal da descoberta.

— Pois verbalise, meu caro Yermac, verbalise á sua vontade! Entretanto nós iremos guardar cuidadosamente estas pedrinhas. Será uma recordação dos nossos penosos trabalhos, — e do tempo que passarmos na sua companhia.

O incidente ficou por aqui.

Passou-se um dia, passaram-se dois, e cada vez se aproximava mais a chegada das nartas. A neve, que cabia por intervallos cada vez menores, principiava a endurecer. O grande caminho da fuga preparava-se, solidificava-se, largo, unido, vasto quanto era possível, — vastissimo.

O chefe de policia de braço ao peito, auxiliava Nadege na preparação dos alimentos. Ao peixe secco, ao salmão fumado, a que os russos dão o nome de «skale», alguns tiros felizes de Yegor acrescentaram uma lebre e duas aves; finalmente o sr. Lafleur matou um carneiro bravo, que prometia excellentes costeletas e gigotes para as seguintes refeições.

No terceiro dia, por occasião da ceia, o fogo do acampamento attrahiu uma mulher indigena, que, dirigindo-se para á sua yurt, se afastara um pouco do caminho.

Ouvindo estalar a neve, os hospedes do deserto levantaram a cabeça, e viram um ente de aspecto miseravel, quasi repellente, coberto de farrapos de pelle. A desgraçada nomade, de tez bronzada, com as maçãs do rosto muito salientes, olhos pequenos mal abertos, parecia apertar contra o peito uma creança de mama.

Nadege approxinou-se d'ella com interesse, fel-a sentar ao pé do lume, offereceu-lhe de comer, e a yakute, accetando o offerecimento, começou a devorar o que lhe davam, passeando em torno de si os olhos negros, de uma expressão dura. Sobre o seu seio, mexia-se alguma creatura viva, cuidadosamente embrulhada.

— Oh! ama, disse o sr. Lafleur, pode-se ver a creança?

A yakute comprehendeu o gesto com que o parisiense acompanhou esta pergunta, formulada n'uma linguagem, em que se debatiam agonisantes o russo, o yakute e o francez.

A mulher levantou cautellosa, maternalmente: a pelle de renna, que lhe cobria as espaldas e o peito, e mostrou aos circumstantes... tres raposas azues, muito pequenas, ás quaes dava de mamar.

Foi geral o espanto. Contudo o sr. Lafleur explicou a todos que era um costume, seguido pelos caçadores de pelles, apanharem os isatis ainda pequenos, para os crearem e venderem as pelles, depois do animal ter adquirido o seu desenvolvimento natural. E a proposito de pelles de rapozas azues, o parisiense riu da credulidade, com que as senhoras do occidente — as inglezas em especial, se adornam com pelles d'estes animaes. Disse a Nadege que só se aproveitam as quatro patas, o que faz com que uma pellica possa custar na Russia trinta e quarenta mil francos. Só as quatro patas são vendidas pelos caçadores.

Ladislau fez muitas perguntas, e em quanto a yakute, depois de terminar com voracidade a refeição, en-

chia o seu cachimbo curto — o seu *ganze* — com tabaco forte de Feherkask e principiou a fumar, o sr. Lafleur deu ao curioso polaco algumas informações sobre os habitos das rapozas azues. Disse-lhe que muito desconfiados e habilitados em pleitear a astucia e a manha com os caçadores, aquelles animaes não saem das suas tocas senão de noute. Parece todavia que os companheiros de Behring encontraram tamanha quantidade no estreito, que separa a Asia da America, e tão ingenuos, tão pouco desconfiados, que se deixaram matar á paulada. Ladrões e vorazes roubavam tudo, sapatos e roupas dos homens adormecidos; devoravam os cadaveres e atacavam os doentes. Quando os viajantes enterravam carnes, cobrindo-as muito bem de terra e collocando sobre esta muitas pedras de grande tamanho, as rapozas descobriam meio de roubar o deposito mettendo-se por debaixo das pedras, ajudando-se umas ás outras com rara habilidade e pasmoso accordo. Se as carnes estavam penduradas n'uma vara a grande altura, as rapozas cavavam com as patas a porção do terreno, que circumdava a ambicionada vara, até que ella cahisse, ou então com uma destreza inerivel trepavam umas nas outras até chegarem ao deposito appetecido.

O isatis, acrescentou ainda o sr. Lafleur, a quem as suas viagens tinham aproveitado, encontra-se em todo o littoral do mar glacial e dos rios, que vão lançar-se n'elle. A rapoza azul é mais pequena do que a rapoza ordinaria, com a qual tem grandes similhanças; a cabeça porém tem mais analogia com a do cão; o pello é muito comprido, muito farto, suave e macio ao tacto; é azul acinzentado ou esbranquiçado; a extremidade do focinho é preta, e as orelhas quasi redondas; a voz parece-se ao mesmo tempo com o ladrar do cão e o ganir da rapoza. Estes animaes não vivem solitarios; encontram-se sempre em bandos consideraveis. Preferem os logares descobertos e frios.

Uma particularidade curiosissima, acrescentou elle, é que a rapoza azul, não tem medo d'agua como as outras rapozas, atravessa com facilidade rios e lagos para se dirigir ás ilhotas, que n'ellas existem, e roubar os ninhos das aves aquaticas. Quando falta a caça n'uma região, emigram todas as rapozas azues, costume rarissimo entre os carnivoros.

Para a collecção, com que tencionava brindar Chateau-Thierry, disse ainda Lafleur, tinha eu soberbos pedaços de pelles de todas as rapozas da Siberia, nas suas diversas edades. Ha algumas, que, desde os seis mezes, ficam de um branco puro, afóra um risco nas costas e uma barra nas espaldas. Essas chamam-se «Krestowiki» ou cruzadas. As pardas adquirem mais cedo a côr, principalmente quando são de um pardo ardosiado ou puxando para azul. Ha tambem a rapoza prateada ou rapoza negra. Mas, ora! a minha collecção tem de ser feita de novo: — nunca mais poderei voltar a Yakutsk, acrescentou elle tristemente.

Depois de ter comido, a yakute pediu licença para dormir junto do fogo do acampamento, o que lhe foi concedido por Nadege.

A mulher estirou-se em cima da neve. Depois, estendendo as pernas do lado do lume, e cobrindo os hombros e o rosto com o seu «sanayak» de pelle de renna, começou a roncar. As rapozas azues, que ella não tirava do peito, retribuiam-lhe em calor o que recebiam em cuidados maternos.

(Continua.)

CORRESPONDENCIA

Empusa.—Vio já que apreciavamos muito os seus versos. Os que nos enviou porem agora, tendo coisas lindissimas, estão contudo longe de nos satisfazer. A quarta seguinte lembra aquelles versos *nonsense* que Castilho aconselha que se façam para se ir costumando o ouvido á harmonia da metrificacão.

Entornam-se no céu myriades de estrellas;
C'o aroma febril da luz crepuscular
Perpassam pelo ar suspiros de donzellas...
Perpassam, e eu fico inerte a meditar.

Que diabo é o aroma febril da luz crepuscular? Nunca nos lembrámos de cheirar o crepusculo, mas, se fosse permitida essa arrojada imagem que nada quer dizer, com certeza que a pacificação suprema do crepusculo

É o caso de se lhe dizer aqui: *nem tanto*. Se os beijos da madrugada não tiverem *effluvios matinaes*, quem diabo os ha-de ter?

Outros melhores, sim?

Alvaro. (Porto).—A poesia *Liberdade* acha-se publicada em folheto. A edição contudo está ha muito tempo esgotada. Agradecemos-lhe muito as suas amabilissimas palavras, mas confesse que seria de uma vaidade intoleravel inserirmos essa poesia no nosso *Rosicler*.

A. C. (Porto). Não tivemos tempo ainda de ler a grande porção de artigos que o sr. Garrido nos entregou, quando tomámos conta da direcção litteraria d'este jornal. Absorve-nos muito tempo o expediente quotidiano. Quando fizermos a liquidacão do passado, e será breve, diremos o que pensamos a respeito do seu romancinho.

Então choras?... Não ris?
Ora não sejas má...
Olha p'ra mim, Beatriz
Dá-me um beijo... dá cá...

O peor é se a Beatriz lhe ferra um pontapé!... Não queremos ser cúmplices d'essas coisas.

Mephisto.—Como vê, apressámo-nos a publicar o seu interessante artiguinho. O proprio Calderon nos informa tambem de que os portuguezes tinham no seu tempo fama de galanteadores adocicados. Na *Vanda y la flor*, cuja acção se passa na Italia, uma das damas diz a um adorador que lhe está dizendo muitas *doçuras*:

Nunca em mi vida he visto
Florentin más portuguez.

De forma que eramos todos assucar n'esse tempo.



PORTO MAURICIO

seria incompativel com *aromas febris*. Depois queira explicar-nos porque é que nos dá a informação de que fica *inerte a meditar*. Ninguém costuma metter um revolver na algibeira para ir meditar para qualquer parte. Confesse que o adjectivo *inerte* é extraordinariamente infeliz.

Depois continúa:

N'um sonho cor-de-arminho e cor-de-sol,
Suave como a luz do rouxinol

A luz do rouxinol! Queira desculpar-nos, mas os cinco sentidos ficam perfeitamente desnorreados com as suas innovações. Preparamo-nos para ouvir o rouxinol, *Empusa* recommenda-nos a sua luz; vamos ver o crepusculo, *Empusa* quer que o cheiremos!

Em compensação escreve ao mesmo tempo o seguinte:

Depois... na minha fronte desmaiada
Deixou tombar um beijo a madrugada
Repassado de effluvios matinaes

O. S.—Nas palavras quadradas bem; nas palavras em estrellas não reparou que eram obrigadas a um *i* central.

J. R. (Cadaval).—Não adivinhou, não senhor. Do enigma fallaremos. Os nomes publicam-se.

C. M. O. (Lisboa).—Venham elles.

Raul.—Se a morena se não rende, é porque nem Mirabeau a convenceria.

Um beijo... Então que tem?
Um beijo, moreninha,
Não faz mal a ninguém,
Dá-me um beijo, tontinha,

Em ella lh'o dando, mando-nos dizer. Estamos com interesse de saber como acabou o caso. Raul insiste de todas as formas:

A nação estava com *diabetis*. Não o mostrou nem em Montijo, nem em Montes-Claros.

Vendiamos pasteis ás damas, e enviavamos madrigaes ás donzellas. Decididamente estavamos sendo em Madrid no século XVII os confeitores do estomago e os confeitores do coração.

EXPEDIENTE

Rogamos aos srs. assignantes em debito o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas.

A alguns dos nossos correspondentes pedimos o favor de nos enviarem immediatamente o saldo do primeiro trimestre.

A empresa declara terminantemente, que não satisfaz requisicão alguma que não venha acompanhada da sua importancia em vales do correio, ou, onde os não houver, em estampilhas.